

---

## Educomunicação: variável tecnológica no cotidiano escolar<sup>1</sup>

Douglas CALIXTO<sup>2</sup>

Roberta SOLEDADE<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo tem como tema central a interferência das tecnologias nas percepções e nas socialidades desenvolvidas por docentes e estudantes. Para tal empreitada, apresentamos resultados iniciais da pesquisa elaborada pelo grupo de pesquisa MECOM entre 2018 e 2019. A nossa análise inter-relaciona aspectos culturais e sociotécnicos resultantes de uma dinâmica que tensiona o cotidiano escolar: as redes sociais na internet e os algoritmos. Em suma, trata-se do reconhecimento de uma nova ordem perceptiva em trânsito no interior das escolas que afeta as sociabilidades e, sem dúvida, a própria constituição da linguagem. Apresentaremos dados que demonstram evidentes transformações nas formas de recepção e circulação de saberes, sobretudo em razão da crescente importância de ferramentas como Whatsapp, Facebook e Instagram.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; tecnologias; redes sociais; algoritmos; comunicação.

### INTRODUÇÃO

Assistimos, atônitos, a uma série de reconfigurações radicais nas formas de ser e estar no mundo, engendradas, em diversos níveis, pelas redes sociais na internet. Não apenas entre os muros da escola, mas em todas as camadas da vida social, passamos a conviver com práticas políticas descentralizadas — assimiladas na circulação e recepção de informação em redes rizomáticas —, também com a queda e desmoralização frente à opinião pública de instituições que deram ordem ao século 20, como o Judiciário, Executivo e Legislativo, e, sem dúvida, com uma nova ordem entre os sujeitos sociais, marcada pelo designativo “polarização”. O cenário distópico, com a ascensão de discursos de ódio, delírios (que nos brindam com movimentos do tipo *flat earth*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisador do MECOM, e-mail: dcalixto@usp.br

<sup>3</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisadora do MECOM, e-mail: roberta.tsoledade@gmail.com

---

*society*<sup>4</sup>), fake news e todas as formas de violência no espaço público, coloca em xeque, como propõe Abranches (2017), o funcionamento da democracia liberal, que, malgrado as contradições e as inconsistências, deu certa racionalidade a grande parte dos países no decorrer do século passado.

A complexa discussão acerca da realidade sociopolítica contemporânea não caberia nos limites espaciais do presente artigo, todavia, há um consenso que serve de substrato de análise para este trabalho: do espectro ideológico mais progressista ao mais conservador, há concordância de que as transformações que chacoalham o mundo passam decisivamente pelas inovações tecnológicas no campo da comunicação e, sobretudo, pelas reconfigurações socioculturais acionadas por plataformas como Facebook, Whatsapp e Instagram. Trata-se do reconhecimento de uma sofisticada trama cultural que não se limita ao conceito de “nova mídia”, mas sim de uma ordem perceptiva resultante das redes digitais e da interação social mediadas na e pela internet.

Nesse sentido, nossa análise, feita a partir dos resultados iniciais da pesquisa “Inter-Relações Comunicação e Educação do Ensino Básico”, realizada pelo MECOM<sup>5</sup>, observa como a variável tecnológica tensiona o cotidiano dos sistemas de ensino. Dentro de um cenário mais abrangente, temos uma abordagem particular e pouco explorada: como as graves reconfigurações do mundo — brevemente elencadas acima — se manifestam no cotidiano docente e discente, seja na interpretação do mundo, seja na constituição da linguagem e das sociabilidades. Os dados coletados na pesquisa indicam a crescente importância das redes digitais para a apreensão da realidade, para o consumo midiático e, sobretudo, para o desenvolvimento da vida social nas escolas. Logo, o objetivo é, em última instância, analisar como as informações levantadas na

---

<sup>4</sup> *Behind the Curve*, documentário produzido pela Netflix, apresenta teóricos do movimento que acredita que o planeta Terra é plano. Conhecida como Flat Earth Society, a organização passou a contar com uma sólida rede de apoiadores nas redes sociais. De caráter ilustrativo ao presente artigo, os terraplanistas ilustram como a internet passou a tensionar os limites da racionalidade e o próprio funcionamento do discurso científico frente ao novo funcionamento do fluxo de informações.

<sup>5</sup> MECOM. Mediações educacionais. Grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Eliana Nagamini, Dra. Elisângela Rodrigues da Costa, Dra. Helena Corazza, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dr. Rogério Pelizzari de Andrade, Dra. Sandra Pereira Falcão, MS. Suéller Costa; Doutorandos: Ms. Douglas Calixto, Ms. Edilane Carvalho Teles, Ms. Gláucia Silva Bierwagen, Ms. Michel Carvalho da Silva; Mestrandos: Roberta Takahashi Soledade e Wellington Nardes; Iniciação científica: Rafaela Treib Tabora.

---

pesquisa revelam que está em trânsito uma realidade mobilizada por algoritmos na internet, redes sociais e uma trama cultural singular, na escola.

## **EDUCOMUNICAÇÃO: VARIÁVEL TECNOLÓGICA**

A influência das tecnologias no interior das escolas é assunto recorrente na interface comunicação e educação. Todavia, com a ascensão das redes digitais, o tema ganhou novos contornos a partir da definição conceitual de que as tecnologias constituem uma agência de socialização (BACCEGA, 2011; CITELLI & COSTA, 2011; MARTÍN-BARBERO, 2014). Isso significa dizer que, assim como a família e a escola — para nos atermos a poucos exemplos —, as dinâmicas da internet atuam na formação dos sujeitos e na apreensão da realidade. Ou ainda:

Os múltiplos planos e níveis estruturantes da vida social passaram a elaborar os seus fluxos internos tendo como mediadores as possibilidades e mesmo as facilidades permitidas pelas redes de computadores, dos dispositivos fixos ou móveis, estejam a eles acoplados adjetivos como velhas ou novas tecnologias (CITELLI, 2015, pg. 64).

Ao analisar a variável tecnológica no contexto educativo, devemos esclarecer qual é o nosso enfoque ao suscitar a “Educomunicação”: trata-se de um conceito articulador de práticas e pesquisas que investigam as ocorrências e as inter-relações entre comunicação e educação para além dos aspectos instrumentais. Ou seja, nosso interesse não se limita em compreender a aplicação de celulares, mídias e aplicativos na sala de aula, pois a questão da técnica é mais abrangente. Para além da dimensão estritamente instrumental, nossa preocupação está nas representações e na percepção de realidade da comunidade escolar, que hoje é mobilizada de forma decisiva pelas redes digitais.

Tal perspectiva analítica só é possível a partir de um olhar que desloca a questão da técnica e sua vertente maquínica para um olhar híbrido e complexo que considera a relação mútua entre o social e as técnicas. Ora, a relação entre humanos e tecnologias integra um determinado lugar — histórico e social. Nessa perspectiva, ao discutir as implicações das interfaces tecnológicas no tecido social, é necessário construir diretrizes capazes de localizar a questão da técnica no interior da sociedade contemporânea. Quando citamos aquilo que parece ser um cenário distópico, que naturaliza a barbárie,

seja no Facebook, seja no Whatsapp, argumentamos que a vertente tecnológica e as dinâmicas das redes sociais não são obra do acaso, mas sim resultantes de um movimento onde os avanços tecnológicos acompanham as operações da economia, da globalização industrial e do sistema neoliberal (DANTAS, 2002).

O esforço de referenciar a interferência dos avanços tecnológicos no âmbito da educação, que não se limita a “como utilizar as tecnologias na sala de aula” tem como objetivo evitar determinismos tecnológicos ou um constructo meramente instrumental. Heidegger (2015) é um dos autores dedicados a superar a visão instrumental da técnica, que remete a um universo maquínico, separado do saber fazer humano. Para ele, a técnica é um modo de desvelamento, um modo de existência no mundo, a partir de uma atividade produtora humana. Rüdiger (2014) explica que pensar a técnica a partir de Heidegger

significa explorar as hipóteses mais extremas em curso nesse contexto e indagar de onde provém sua hegemonia e valorização, de onde vem seu imperialismo planetário, sem sucumbir em sua propaganda, mas também sem temor humanista e reacionário. Significa procurar onde se origina seu apelo silencioso, fascinante e perturbador aos olhos da humanidade. Em suma, perguntar qual é a essência ou sentido desse poderio, à luz de uma reflexão histórica e filosófica (RÜDIGER, 2014, p. 14).

A análise dos dados sobre tecnologias na pesquisa ‘Inter-Relações Comunicação e Educação do Ensino Básico’, feita pelo MECOM, aciona autores comprometidos com uma abordagem sistêmica — sem polarizações entre homem e técnica —, como é o caso do alemão Martin Heidegger. Buscamos, assim, uma reflexão histórica e filosófica sobre o poderio que articula as tecnologias na internet e singulariza a ordem perceptiva na escola. Problematizar o conceito de tecnologia — ou tecnociência moderna, resultante da inter-relação da ciência moderna com a técnica (LEMOS, 2015) —, é fundamental para investigar a articulação de plataformas como Facebook, Whatsapp e Instagram com as transformações no universo escolar, que, por sua vez, não pode ser analisado sem o devido contexto sociopolítico.

É nesse sentido que o nosso trabalho se debruça e apresenta dados sobre as representações e a ordem perceptiva de estudantes e docentes na relação com essas tecnologias. Buscamos nos dados que apresentaremos superar o aspecto meramente instrumental do funcionamento da internet de seus produtos, como os algoritmos e o

---

Whatsapp (popularmente tratado com ‘ZapZap’), mas sim da nova ordem perceptiva — *sensorium* — na educação. Por ordem perceptiva, consideramos o conjunto de linguagens (presentes em memes, emojis, GIFs, podcasts, vídeos, correntes de Whatsapp, fake news), sociabilidades e produções de sentidos que passaram a ser influenciadas pela a atual variável tecnológica.

Na prática, isso significa que já se tornou lugar comum afirmar que as tecnologias amplamente utilizadas no cotidiano, seja por professoras e professores, seja por estudantes, cresceram e hoje fazem parte da vida contemporânea. O desafio, agora, sobretudo do ponto de vista teórico-metodológico, é explorar as razões e a natureza das mudanças, tratando fenômeno em toda a sua amplitude. Ao suscitar uma variável tecnológica nos estudos de Educomunicação, a proposta é refletir acerca de como as redes sociais na internet e os dispositivos digitais atuam na produção, recepção e circulação de sentidos, e, claro, no *sensorium* (BENJAMÍN, 1996; MARTÍN-BARBERO, 2014).

Para fugir do já citado determinismo tecnológico, devemos não concentrar esforços no que “existe”, ou seja, o crescimento do número de acessos nos últimos anos entre estudantes e professores às redes sociais, por exemplo. Olhamos o fenômeno a partir do que ele representa para a constituição das sociabilidades. Esse caminho teórico exige, como preconiza Bachelard (2004), a crítica do conhecimento. Assim, o primeiro passo é reconhecer e operar um paradigma científico que desconfia das aparências e do “concreto” (o número de jovens estudantes com contas no Facebook aumentou nos últimos anos) e busca aquilo que é invisível: os jogos de linguagem, os discursos, as ideologias, e a própria constituição da cultura (como a lógica dos algoritmos na internet é capaz de forjar sociabilidades, mudar comportamentos e interferir na dinâmica social).

De um lado, partimos do pressuposto que o objeto não é dado, mas sim construído pelo pesquisador, o que exige um compromisso teórico-metodológico capaz de subsidiar uma pesquisa inserida num período de transição, sob a égide das transformações socioculturais coetâneas. O objetivo é superar posições dicotômicas e deterministas que insistem em separar a ação humana do "mundo virtual" ou da "realidade virtual".

Por outro lado, ao adentrar o território de fatos e acontecimentos que circulam de forma intensa nas redes sociais e afetam os sentidos e a linguagem de docentes e

---

discentes, Sodré (2009) indica o caminho teórico para compreender como as informações são produzidas e circulam, dentro de

estratégias cuja mitologia liberal-mercadológica costuma fazer esquecer os procedimentos retóricos e imaginosos que presidem à construção do conhecimento. Não se trata de manipulações deliberadas, nem de mentiras, mas de interpretações que podem muitas vezes lançar mão de recursos típicos da ficção literária com vistas à criação de uma atmosfera semântica mais compreensiva. (SODRÉ, 2009, p. 15)

Para o autor de *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*, recursos retóricos e operações da linguagem estão afinados com estruturas ideológicas dos sistemas de informação

cuja forma mais evidente é a presumida transparência da realidade, por meio da evidência noticiosa dos fatos. É, porém, uma presunção que esconde as refrações, as distorções e a mística do que se pretende erigir como espelho do real. De fato, embora a ideologia que preside à elaboração corporativa do discurso informativo pretenda cingir-se tão só às diretrizes do pragmatismo e da lógica mercantil, descartando a imaginação, o não-visto e o que esteja aquém ou além do fato, a parte excessiva do acontecimento atrai, de um modo ou de outro, mas predominantemente por meio da narrativa, para algumas das águas turvas de onde surge o brilho da ficção (SODRÉ, 2009, p. 16).

Na perspectiva do autor, ou seja, "da lógica mercantil, descartando a imaginação, o não-visto e o que esteja aquém ou além do fato", iremos recorrer à ideia de Dardot e Laval (2016) de que as transformações em trânsito criaram uma nova racionalidade, capaz de forjar subjetividades e uma nova forma de se relacionar com o mundo. Ao tratar da variável tecnológica é necessário compreender o que é essa nova razão do mundo e, sobretudo, como a aceleração social do tempo e os deslocamentos sociais ocorrem no interior dos sistemas de ensino (CITELLI, 2017).

Com essa orientação do ponto de vista da Sociologia, ao discutir como a comunicação integra a educação, pretendemos explorar uma tradição intelectual, sobretudo latino-americana, que dá alicerce à Educomunicação. Ou seja, autores e perspectivas teóricas da nova área do conhecimento que aglutina questões relacionadas à inserção da mídia no ambiente escolar, à leitura crítica dos meios, à mediação tecnológica na educação, à linguagem, aos meios e processos. Como dito nas primeiras páginas, conjugamos autores que, num sentido próximo, reconhecem os meios de

---

comunicação como agentes de socialização integrantes de um ecossistema comunicativo, como Citelli (2004; 2011), Soares (2011), Bacegga (2011) e outros teóricos da inter-relação Comunicação e Educação.

## **INTER-RELAÇÕES COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: VARIÁVEL TECNOLÓGICA**

A despeito do fato de que não há aqui espaço para historiar o processo de construção e aplicação da pesquisa, vale dizer que a investigação teve como objetivo estudar os circuitos dialógicos existentes entre comunicação e educação no contexto contemporâneo do ensino básico. Isso significa, na prática, que buscamos explorar como os mecanismos de comunicação, influenciados pela aceleração social do tempo, marca estrutural da atualidade, acabam por influenciar comportamentos, padrões culturais e a vida social de estudantes, professores e toda comunidade escolar. Como anunciado, a atribuição deste artigo é apresentar inicialmente os dados coletados a respeito da temática tecnológica. Antes, vale um esclarecimento metodológico: para a nossa análise, utilizamos os dados tabulados da pesquisa “Inter-Relações Comunicação e Educação no Ensino Básico”.

A pesquisa foi realizada entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019. Com os questionários obtivemos 509 respostas de professores, totalizando 306 na modalidade digital e 203 na modalidade presencial (impressa). Desse total de 509, na região de São Paulo tivemos 299 respostas - 169 no formulário digital e 130 no impresso. Foram feitas 55 questões, 19 abertas e 36 fechadas. Entre estudantes, obtivemos 3.708 respostas - 1760 na modalidade digital e 1.948 na modalidade presencial (impressa). Desse total, na região de São Paulo obtivemos 1173 respostas - 101 digitais e 1072 impressas. Foram feitas 41 questões, 12 abertas e 29 fechadas.

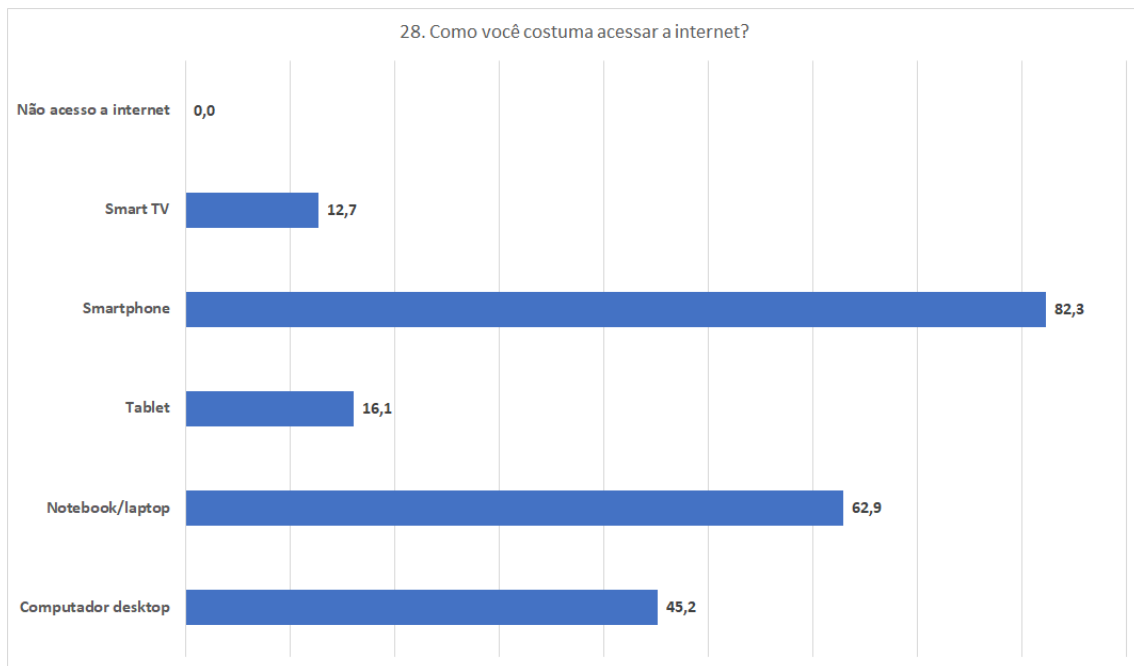
Sem pretensão estatística ou qualquer intenção generalizante, nossa pesquisa assume-se como de representatividade social. Nas próximas páginas, utilizaremos dados gerais, sem diferenciação geográfica das respostas. Os resultados colocam à prova a hipótese central deste trabalho de que a ordem perceptiva de estudantes e docentes é um produto da variável tecnológica contemporânea, altamente influenciada pelas redes



sociais e os seus algoritmos. Como lidamos com uma aproximação inicial<sup>6</sup> com os dados coletados, optamos por uma apresentação sintética dos dados e das tabelas, que virão acompanhados de análises que dialogam com o referencial teórico apresentado anteriormente.

Na análise das repostas dos docentes, evidenciamos a predominância no uso de hardwares móveis e individuais, como smartphones e notebooks.

**Gráfico 1:**



**Legenda:** Smartphone é a principal fonte de acesso à internet para docentes entrevistados

O número expressivo de smartphones em relação às outras tecnologias revela, em última instância, que o acesso à internet por parte dos docentes agora é feito sem os limites do “trabalho”. Em outras palavras, o celular acompanha os indivíduos em diversas situações, seja no transporte público, seja no sofá da sala, em todos os momentos, criando um vínculo permanente de conexão, diferentemente de outras ocasiões em que o acesso às redes era referenciado pelo computador desktop. Ao primeiro olhar, tal transformação no padrão de acesso pode soar como a constatação do óbvio, no entanto, esse dado indica que os docentes convivem intensamente com as

<sup>6</sup> O MECOM prepara para o segundo semestre do ano de 2019 um relatório completo sobre a pesquisa, descrevendo e sistematizando os dados.



informações, notícias e padrões culturais acionados pelas redes sociais. Quando no referencial teórico afirmamos que as tecnologias da comunicação atuais não podem ser consideradas apenas uma “nova mídia”, acionamos exatamente essa dimensão: hoje, com os smartphones ubíquos, a vida social e a ordem perceptiva são afetadas pelo conjunto de práticas e informações presentes nos smartphones.

Da mesma forma que os professores, 86% dos estudantes entrevistados declaram utilizar o celular para acessar à internet, reforçando a centralidade desses aplicativos na apreensão da realidade cotidiano, afinal não ter o celular às mãos hoje parece ser algo inadmissível do ponto de vista das relações sociais. De acordo com os dados do IBGE de 2017, o uso do telefone celular aumentou em todas as regiões país e alcançou uma penetração média de mais de 90% nos domicílios brasileiros. Os menores percentuais estão nas regiões Norte (88,8%) e Nordeste (89,1%); enquanto os maiores se encontram nas regiões Sudeste (93,9%), Sul (95,0%) e Centro-Oeste (96,9%). Na pesquisa, os brasileiros também indicaram que o acesso à internet é feito preferencialmente por celular. Em 2017, 69% dos entrevistados disseram estar conectados à rede através de um smartphone. O índice é bem superior aos 60,3% registrados em 2016 e também vai de encontro a uma queda percentual no acesso via desktop que em 2017 foi de 38,8% e um ano antes tinha sido de 40,1%.

A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras (CGI, 2017) mostra que o percentual de professores que utilizam o celular para desenvolver atividades com os alunos passou de 39% em 2015 para 56% em 2017. O aumento aconteceu tanto nas escolas públicas, onde o percentual passou de 36% para 53%, quanto nas particulares, crescendo de 46% para 69%. A mudança histórica fez a Unesco, em 2014, publicar um documento que estimula a adoção de dispositivos móveis em sala de aula, que entre outros benefícios, pode “permitir a aprendizagem a qualquer hora, em qualquer lugar”, “minimizar a interrupção em aulas de conflito e desastre” e “criar uma ponte entre a educação formal e a não formal” (UNESCO, 2014).

Apresentamos esses dados mais gerais, apreendidos pelo IBGE e pelo CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil) para demonstrar que a pesquisa desenvolvida pelo MECOM está alinhada ao contexto geral do país em termos de conexão às redes e da importância das tecnologias digitais na constituição das sociabilidades. Vale dizer, podemos indicar com a pesquisa que, na variável tecnológica, para além do crescimento

---

o uso de redes sociais e plataformas de *streaming*, a interferência de smartphones e aplicativos joga papel crucial nas formas de ser e estar no mundo. Vejamos mais dados sobre essa dimensão:

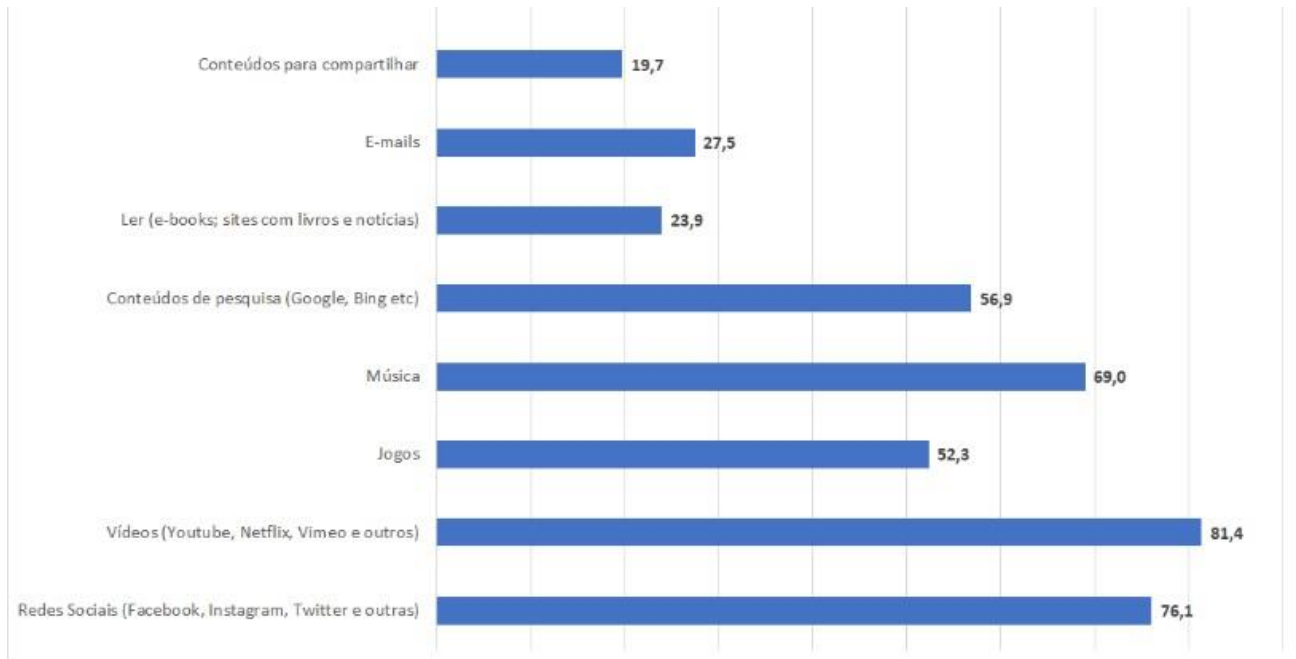
Entre os jovens abre-se uma nova perspectiva em termos de sociabilidades e padrões culturais. Para a pergunta *Qual o meio de comunicação você utiliza para ver os seus programas favoritos*, as respostas indicam novos marcadores culturais: Youtube (76%) e Netflix (57,5%) aparecem como as opções majoritárias entre os estudantes. A terceira opção, com 42,4%, é "aplicativos de celular". Apenas 30% dos estudantes declaram ver os programas favoritos na televisão aberta. Na prática, isso demonstra que, para conhecer o universo cultural dos estudantes, é necessário um grave mergulho nos conteúdos e nas representações que circulam nas plataformas de *streaming*. Em outros momentos, sobretudo nas décadas anteriores, os padrões culturais eram mais identificáveis a partir de marcadores televisivos, radiofônicos e mesmo de publicações impressas, como jornais e revistas. Agora, com os algoritmos que personalizam cada vez mais a experiência individual, seja em séries e filmes no Netflix e Youtube, seja nos conteúdos que circulam em aplicativos de celular, os padrões culturais são radicalmente fragmentados em opções feitas “sob medida” para cada jovem. Na prática, a resultante desse processo é que dificilmente docentes e discentes compartilharão um marcador cultural comum, como, por exemplo, a telenovela nos anos de 1990.

Outros dados que corroboram tal perspectiva:

- 67% dos estudantes declaram não ter o hábito de ler revistas impressas;
- 78,3% não costumam ler jornais impressos;
- 59% dos jovens declaram utilizar a internet mais de cinco horas por dia.

Para a pergunta *o que você acessa na internet*, temos clara a dimensão de crescimento de plataformas de vídeos (*streaming*) entre os estudantes.

**Gráfico 2**



**Legenda:** Plataformas de streaming e redes sociais são as principais atividades de jovens entrevistados

O sucesso de *Youtubers* e de séries no Youtube e Netflix não é obra do acaso: há uma infinidade de conteúdos e programas para todos os gostos sem depender de uma “grade de programação”. Nesse cenário, os jovens, com poucos cliques, acessam aos conteúdos de acordo as preferências e sugestões postas por algoritmos. Diferente de outros momentos históricos, em que a programação da TV ou do rádio, ou mesmo a agenda *setting* dos veículos de comunicação jogavam papel crucial na apreensão da realidade, podemos dizer que os padrões culturais estão altamente fragmentados em razão da multiplicidade – quase inesgotável – de opções abertas pelo Youtube, Netflix, Facebook e tantas outras plataformas. Mesmo que proibido na sala de aula ou ainda que nenhum dos conteúdos que circulam nessas plataformas seja utilizado pelos docentes, os diálogos, as interações e discussões dos alunos, ou seja, a cultura entre os jovens, são referenciadas por aquilo que acontece nos vídeos e programas da internet. Essa perspectiva se torna ainda mais relevante ao reconhecer que grande maioria dos estudantes declara (1) não ter o hábito de ler jornais e revistas impressas, (2) não reconhecer na TV aberta os seus programas favoritos e, por fim, (3) ficar mais de cinco horas diariamente em contato com a internet. Entre os docentes, para a pergunta *usando a internet, você o faz para*, tivemos as seguintes respostas:

- 
- Pesquisar: 95,3%
  - Ler notícias: 90%
  - Redes sociais: 75%,8
  - Trocar e-mails: 78,6%
  - Compartilhar conteúdos com os estudantes: 44,2%
  - Participar de cursos on-line: 68,2%
  - Jogar: 17,3%

As respostas indicam a importância da internet na atividade profissional, afinal “pesquisas on-line” e “troca de e-mails” ocupam lugar central hoje para o exercício docente. Todavia, o dado que, de fato, desperta uma nova perspectiva é o fato de que 90% dos docentes utilizam as redes digitais para lerem notícias. Ora, com os algoritmos e a mediação de plataformas como Instagram e Twitter, a experiência midiática é altamente personalizada, criando nichos de interesse que, por vezes, não representam um contexto mais amplo e abrangente da construção simbólica do mundo. Em outros termos, a “edição de realidade” feita pelas notícias na internet é inevitavelmente influenciada pela lógica de mercado que subtrai marcadores sociais e de interesse público da informação. Quando mencionamos a obra de Muniz Sodré, buscamos dizer que a mediação algorítmica, presente nas redes sociais, integra os procedimentos retóricos “que presidem à construção do conhecimento” (SODRÉ, 2009, p. 15). Isso significa dizer que a apreensão da realidade está ligada hoje a uma intensa trama de representações que circulam, por exemplo, no Whatsapp, sem depender exclusivamente de hierarquias e filtros editoriais, como costumava ser feito pela “mídia tradicional” durante as décadas passadas. A pesquisa do MECOM indica exatamente que, da mesma forma que entre os estudantes, a internet é a principal fonte de informação em relação aos jornais, às revistas, ao rádio e à TV.

Outro dado relevante é que um número considerável de docentes (44,2% dos respondentes dos formulários) compartilha conteúdos com os estudantes nas redes sociais. Isso significa que, não apenas no âmbito pessoal, plataformas como Whatsapp e Facebook também integram um jogo de linguagens e compartilhamento na própria vida cultural da escola. Podemos intuir com esse dado que memes, *fake news* e informações fragmentadas – elementos típicos da navegação em rede – circulam nas comunicações entre alunos e professores, afinal não há separações entre conteúdos educativos e didáticos e as informações ordinárias que são transmitidas nas *timelines* e nos grupos de

“Zap”. Não pretendemos dizer que docentes compartilham conteúdos não apropriados para a educação formal, mas podemos observar que os conteúdos compartilhados são híbridos com *fake news*, paródias, vídeos e fragmentadas informações que são disparadas nas redes sociais, configurando uma relação descentralizada do ponto de vista da comunicação.

A mudança nos hábitos de consumo de informação reconfigura a lógica não só das práticas em sala de aula, mas também das formas de comunicação textual de jornais e revistas em formato físico, com textos longos e muitas propagandas, por informações digitais encontradas em formatos múltiplos agregados aos hipertextos conectados às múltiplas plataformas. Não há mais horários fixos para consumir informações e o celular se tornou a principal fonte de acesso às informações. Outro dado revelador acerca dessa cultura do compartilhamento são as respostas obtidas junto aos docentes para a pergunta *que tipo de conteúdo digital costuma compartilhar com seus alunos*:

- Não costumo compartilhar: 30,1%
- Informações sobre a disciplina que leciono: 48,9%
- Músicas: 18,7%
- Notícias: 35,8%
- GIFs: 3,5%
- Textos literários: 30,6%
- Emojis: 4,1%
- Vídeos: 34,4%
- Memes: 6,1%
- Fotografias: 22,4%

Ao propor o conceito de novo *sensorium* como resultante desse processo, indicamos que a relação docente-discente é elaborada sob a variável tecnológica, não apenas em “como usar o celular na aula”, mas nessa dinâmica de compartilhamentos e de informações trocadas em aplicativos digitais. Tal informação é relevante a partir da premissa que a variável tecnológica não é mais paralela aos conteúdos e práticas pedagógicas: lidamos agora com uma cultura híbrida, influenciada pela mediação de algoritmos e aplicativos da internet. Um texto literário, outrora limitado às publicações impressas, agora pode ser discutido e referenciado, por exemplo, por um *post* no Facebook ou compartilhado no grupo de Whatsapp de estudantes. Esse texto é

---

consumido por estudantes ao mesmo tempo que memes e músicas são acionadas no celular. As possibilidades são múltiplas nas formas de ser e estar engendradas por essa dinâmica – que consideramos reconfiguradora dos hábitos midiáticos e da própria apreensão da realidade.

## CONCLUSÃO

Buscamos, mesmo que brevemente, demonstrar que a variável tecnológica não depende exclusivamente da presença – ou não – do celular na sala de aula ou de outras imperativos que surgem ao tratar do conceito de Educomunicação. Com alguns dados da pesquisa desenvolvida pelo MECOM, apresentamos informações relevantes na constatação de que, na verdade, o que está em jogo é uma nova ordem perceptiva acionada pelas múltiplas possibilidades de consumo midiático em trânsito nas redes sociais. Ou seja, para além de uma nova mídia, os dados revelam que a fronteira entre humanos e não humanos (celulares, aplicativos, algoritmos etc) está cada vez mais turva, gerando dúvidas e incertezas sobre o tipo de sociabilidade desenvolvida no interior das escolas. Apontamos também a existência de um caminho aberto para os relacionamentos mediados pelas tecnologias: Youtube, Netflix, Whatsapp e tantas outras possibilidades técnicas são uma realidade viva nas comunicações e nos padrões culturais do mundo contemporâneo. A nova variável, que não se limita ao aspecto instrumental, reconfigura os mecanismos de produção e circulação da informação nos contextos educativos. Logo, para pensar soluções e novas possibilidades pedagógicas, seja na educação midiática, seja na leitura crítica dos meios, é necessário reconhecer a centralidade dessas mediações sociotécnicas, materializadas em algoritmos e redes sociais, que, no mundo inteiro, geram apreensão acerca do futuro.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S. **A Era do Imprevisto: a grande transição do século XXI**. 1ª edição São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BACCEGA, M. **Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica**. In: Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

BACHELARD, G. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BENJAMIN, W. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1996.

CITELLI, A. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. 3ª edição, São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

CITELLI, A. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas**. In: Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. **Tecnocultura e educomunicação**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v.3, n.2, p. 63-75, dez. 2015. ISSN 2318-406X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/6665>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

CITELLI, A. (org.). **Comunicação e Educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa TIC KIDS ONLINE 2016**. São Paulo: GCI.br, 2016. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>> Acesso em 29 de agosto de 2016.

DARDOT, P. ; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DANTAS, M. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LE MOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RÜDIGER, F. **Martin Heidegger e a questão da técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2014

SODRÉ, S. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

UNESCO (2014). **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. Disponível em: <<http://www.bibl.it.br/UNESCO-Diretrizes.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016